

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 1
(JAN-JUN)
2016
PP. 301-318.

A CIDADE IN(CONCLUSA):

CUIABÁ, A COPA DO MUNDO DE 2014 E A ETERNA ESPERA PELA MODERNIZAÇÃO

(THE TOWN UNFINISHED: CUIABA, THE 2014 WORLD CUP AND THE ETERNAL WAIT FOR THE MODERNIZATION)

MA. NATHÁLIA DA COSTA AMEDI

Professora de História na educação básica do Estado de Mato Grosso
nathaliadacostaamedi@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem a finalidade de fazer uma reflexão sobre os usos e sentidos do discurso da modernização na cidade de Cuiabá no contexto das obras de mobilidade urbana e infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014, a partir do diálogo com os mitos e interpretações forjados pela historiografia mato-grossense do século XX acerca da sua identidade/memória. Nesse sentido, estabelece um diálogo com teorias do urbano e modernidade dentro dos estudos da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Cuiabá; História; Cidade; Modernização; Mato Grosso – séculos XX e XXI.

ABSTRACT: This article aims to make a reflection about the uses and meanings of the modernization speech in the city of Cuiaba in the context of the works of urban mobility and infrastructure for the World Cup 2014, from the dialogue with the myths and forged interpretations by Mato Grosso historiography of the twentieth century about their identity / memory. It establishes a dialogue with theories of urban and modernity within the globalization studies.

KEYWORDS: Cuiabá; History; City; modernization; Mato Grosso - XX and XXI centuries.

A distância faz de Cuiabá uma ilha de urbanismo no pantanal sem fim. De todos os lados, a mesma barragem implacável das léguas. Léguas e mais léguas. Só léguas. Sempre léguas. Tudo léguas. Léguas as centenas. [...].(Monteiro Lobato, apud PÓVOAS,1977 , p. 55).

O depoimento do escritor Monteiro Lobatoⁱ, em visita à Cuiabá, na década de 1930, é interessante porque reafirma um discurso que foi construído sobre Mato Grosso e sua capital ao longo da história – o discurso do isolamento.

É importante perceber como, por muito tempo, esse discurso esteve presente na fala de políticos, literatos e da própria população, para justificar o abandono em que vivia a região. A “tese do isolamento”, como observa Garcia (2003)ⁱⁱ, foi preponderante dentro do IHMT. Até meados da década de 1970 existia uma única concepção de história, uma espécie de história oficial de Mato Grosso, vinculada a alguns nomes do Instituto, como Virgílio Corrêa Filho e Luis-Phillipe Pereira Leite.ⁱⁱⁱ

Podemos afirmar que até hoje Mato Grosso vive debaixo desse estigma de local “distante”, “isolado”, “abandonado” pelo poder central – “longe de tudo” e

de todos. Um discurso construído e muito utilizado pelo poder instituído, ora para justificar a falta (que paralisa todas as formas de mudança e transformação social, econômica e política na região), ora para ressaltar uma peculiaridade do lugar que, apesar do “isolamento”, forjou uma cultura diferenciada e um povo hospitaleiro.

Nesse sentido, é necessário perceber o contraponto ao isolamento nas palavras ainda de Monteiro Lobato sobre os “bem-nascidos” cuiabanos: “[...] A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida bastante da educação. Abundam homens de linda cultura, até filosófica”, apesar das “léguas e mais léguas” que, na visão do escritor paulista, separa Cuiabá, ainda na década de 1930, dos grandes centros urbanos do país (MONTEIRO LOBATO apud PÓVOA, 1977, p. 55).

É curioso na fala de Monteiro Lobato o fato de ele identificar a elite cuiabana como culta, educada, fina e de ter uma formação “até filosófica”. No advérbio “até” percebemos a surpresa do escritor ao se deparar com tal qualidade em homens do distante “sertão” mato-grossense. Nesse sentido, Galletti (2012) alertou que “estagnação”, “atraso” e “isolamento” foram discursos produzidos sobre Mato Grosso ao longo de sua história (GALETTI, 2012), discursos esses que construíram uma imagem negativa sobre o Estado e a

sua população, representando-os como incivilizados, bárbaros e incultos. Talvez por isso a surpresa do escritor ao se deparar com pessoas cultas na cidade de Cuiabá.

Diante da controversa tese do isolamento, ou não, da região, poderíamos tecer as seguintes perguntas: “isolados” de quem e de quê estava Cuiabá? Das cidades do centro-sul do país e de seus modelos de modernização? A quem interessava o discurso do isolamento? A quem servia construir esses discursos sobre o Estado e a sua capital?

Cuiabá, a partir do século XX, passou a ser contraponto a outra cidade do mesmo Estado: Campo Grande, até 1977 (ano da divisão do Estado). A capital sul-mato-grossense por ser mais nova que Cuiabá – considerada a cidade mais antiga – era vista como uma cidade “moderna”, “limpa” e “ordenada”. Enquanto que a capital mato-grossense era retratada como “velha”, “feia”, “atrasada”. Provoações não faltaram entre as duas cidades durante todo o século XX, até que veio a divisão durante o governo Ernesto Geisel.

Houve uma substituição dessa concepção de história, tornando-se hegemônica nos trabalhos sobre Mato Grosso, tanto por historiadores regionais como internacionais, a tese chamada por Romyr Conde Garcia

do “não isolamento”, que defendia que Mato Grosso nunca esteve isolado. Representante dessa corrente era o historiador Alcir Lenharo, que foi professor do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). No ensaio intitulado *Crise e mudança na frente Oeste de Colonização*, o referido historiador questionou o isolamento de Mato Grosso, afirmando que seu processo histórico nunca foi involutivo, mesmo depois da mineração. Compartilharam da tese desse autor outros pesquisadores como, por exemplo, Fernando Tadeu de Miranda Borges, Luiza Rios Ricci Volpato, Elmar Figueiredo Arruda e Elizabeth Madureira Siqueira. A partir do trabalho dos citados pesquisadores, em sua maioria vinculados à UFMT, Mato Grosso passa a ser integrado à História do Brasil.

Nessa perspectiva, podemos destacar as considerações de Borges (2001, p. 21-22):

O “isolamento” ou distanciamento de Mato Grosso dos centros decisórios e comerciais do país, pode ser avaliado bem como pode-se dele depreender consequências, pelo fato conhecido de que a notícia da Proclamação da República chegou a Cuiabá, no dia 09 de

dezembro de 1889, isto é, quase um mês após o evento [...]

A tese do isolamento, na historiografia recente, foi criticada e abandonada seja porque tal isolamento não ocorreu de forma absoluta, como pretendiam os autores tradicionais, seja porque em tais interpretações havia mais “mitos” do que “fatos”.

Enfim, o que estava em jogo naquele momento era a hegemonia da interpretação historiográfica de Mato Grosso, e a tese de Alcir Lenharo parecia irrefutável por trazer novas abordagens e metodologias, destacando-se no momento a história econômica. Garcia (2003, p. 41) evidenciou que a “tese do não isolamento” veio de encontro aos anseios de grupos sociais daquele período e dos anteriores, da segunda metade do século XX, que queriam dar uma nova imagem para o Estado, colaborando, também, com “um certo mito da integração de Mato Grosso ao restante do país”.

Tal discurso, para Garcia, tem servido para mostrar que Mato Grosso não seria um Estado atrasado e sua população ignorante, demonstrando que a região

sempre viveu integrada ao todo nacional. A tese, ainda segundo o autor, ganharia força no momento da divisão do Estado, em 1977, uma vez que se apregoava que Mato Grosso e Cuiabá estariam fadados ao fracasso e à estagnação, por se manterem durante muito tempo isolados (AMENDI, 2013)

Uma voz dissonante de tal discurso, na década de 1980, vinculada na época ao Departamento de História da UFMT, era o de Volpato (1987, p. 62-63). Para a autora,

Quanto à Capitania de Mato Grosso, não se pode esquecer de que o final do século XVIII e o início do XIX constituem um período de crise crônica da mineração. Época de exploração intermitente, em que novos achados substituíam os já esgotados, sendo tão efêmeros quanto os antigos. Mesmo assim, o ouro permanecia como o único elemento de exportação. A agricultura e a pecuária, organizadas para atender à demanda regional, não dispunham de uma produção efetivamente estruturada. O caráter itinerante da população, além de outros fatores, concorria para que a produção na maioria das vezes não assegurasse níveis medianos de consumo alternando-se períodos de carência de gêneros de primeira

necessidade com períodos de relativa abundância no mercado.

Mais do que ficar oscilando entre estes dois discursos-teses, importa perceber como o “mito do isolamento” ainda se encontra presente nas falas de políticos, jornalistas e intelectuais, mesmo depois da emergência de novas abordagens historiográficas oriundas da UFMT.

O “mito do isolamento” parece seduzir a memória da cidade, por trazer, talvez, uma identidade local que se perde e dilui com a realidade do mundo global, ou melhor, da “modernidade líquida” – uma expressão cara ao sociólogo polonês Bauman (2001).

Lenine Póvoas, em seu livro *Mato Grosso um convite à fortuna*, lançado em 1977, logo após a divisão do Estado (BARROS, 1984; PÓVOAS, 1987), escreveu sobre o progresso da capital mato-grossense naquele momento e do seu passado de isolamento:

Ninguém poderá jamais dimensionar, exatamente, o progresso da Capital-mato-grossense, sem antes tomar em consideração a distância que a separa do litoral e a circunstância de ter vivido, nada menos de

duzentos anos, completamente isolada do resto do mundo (PÓVOAS, 1987, p. 55)

Interessante que o autor falou de um isolamento que não era simplesmente dos grandes centros do país, mas um isolamento do mundo. Segundo Póvoas (1987, p.55-56), Cuiabá passou a ter ligações com os grandes centros somente há algumas décadas. E continuou:

Antes era, apenas, a navegação fluvial, que até 1915 demandava de 30 a 40 dias para colocá-la em contato com a Corte, no Rio de Janeiro, via Assunção, Buenos Aires e Montevideú. De 1915 em diante eram, pelo menos, 15 dias de viagem, de trem, do Rio a São Paulo, a Bauru, a Campo Grande, a Porto Esperança (sobre o rio Paraguai, próximo a Corumbá) e daí em lentas embarcações subindo os rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá.

[...]

Somente em 1930 se iniciaram as linhas regulares de navegação aérea; somente em 1950 se pôde falar, pelo telefone interurbano,

de Cuiabá com o Brasil e o mundo; somente de 1952 para cá começaram a correr as linhas regulares de ônibus, ligando-a aos demais centros do país.

Arrematou o seu discurso sobre o isolamento de Cuiabá com a seguinte afirmação: “Consideradas todas estas condições, vemos que a sobrevivência de Cuiabá foi quase um milagre. Um fenômeno raro de resistência heroica ao isolamento e ao esquecimento de tantos Governos”(PÓVOAS, 1987,p. 56).

Nessa perspectiva, vislumbramos neste tipo de fala acerca da distância e do isolamento de Cuiabá, aspectos ligados ao discurso do progresso, ou seja, de uma modelo de sociedade desejado – para não dizer civilizado. A distância e o isolamento se davam a partir de um ponto de referência, um centro irradiador de informações, conhecimento, tecnologias e estilo de vida.

Cabe destacar que o discurso do progresso tem relações intrínsecas com uma visão de mundo europeia e seus ideais de modernização burguesa, que dominou e ainda domina mentes e corações, principalmente, em ex-colônias europeias com seus modelos civilizatórios.

Podemos dizer que esse ideal está ligado, principalmente, ao eurocentrismo.

Como uma “visão de mundo”, a visão eurocêntrica tende a colocar a Europa (sua cultura, seu povo e sua língua) como centro fundamental da sociedade moderna, ou a crença de que o modelo de desenvolvimento europeu-ocidental seja uma fatalidade (desejável) para todas as sociedades e nações, como querem alguns. Tal visão é estratégica para pensar como esse “paradigma” ou “ideologia”(BARBOSA, 2008) de pensamento pode ter vinculações com a produção do discurso do “isolamento” e do “não isolamento” de Cuiabá.

Hardt e Negri(2001), no livro *Império*^{iv}, ao analisar a questão da soberania moderna, um conceito europeu que surgiu na evolução da própria modernidade e intrínseca a ela, afirmaram que esta noção funcionou como pedra angular da construção do eurocentrismo. Conforme os autores,

Apesar de a soberania moderna ter emanado da Europa, ela nasceu e se desenvolveu em grande parte por intermédio das relações da Europa com o exterior, e particularmente por intermédio do seu projeto colonial e da resistência do colonizado. A soberania moderna

surgiu, portanto, como o conceito da reação europeia e da dominação europeia tanto dentro como fora de suas fronteiras. São duas faces complementares, e de igual duração, de um mesmo desenvolvimento: domínio dentro da Europa e domínio europeu sobre o mundo (HARDT; NEGRI, 2001, p. 88).

O eurocentrismo se coloca como referência e, portanto, define o que é central e o que é periférico, isolado no mundo. Este discurso está altamente vinculado ao capital, à época do colonialismo, e à crise da modernidade.

A crise da modernização, segundo os autores, teria, desde o seu início, uma relação íntima com a subordinação racial e a colonização. Enquanto internamente o Estado-nação e “suas simultâneas estruturas ideológicas” trabalharam esforçadamente para produzir e reproduzir a pureza do povo, do lado externo o Estado-nação era uma máquina que produziu “outros”, criando diferenças raciais e construindo fronteiras que “delimitam e sustentam o sujeito moderno da soberania”.

Tais fronteiras e barreiras regulariam os fluxos de mão dupla entre a Europa e seu lado de fora –

América, África e Ásia. O conflito racial atuaria dentro da modernidade europeia e faria parte do sintoma da crise constante que definiu a soberania moderna. Em outras palavras, “a colônia está em oposição dialética à modernidade da Europa, com seu sócio necessário e seu irreprimível antagonista” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 131-132).

De que forma, portanto, isso ocorreu? Segundo os autores do livro Império,

Existe na base da moderna teoria, entretanto, outro elemento importante – um conteúdo que preenche e sustenta a forma da autoridade soberana. Esse conteúdo é representado pelo desenvolvimento capitalista e pela afirmação do mercado como fundamento dos valores da reprodução social. Sem esse conteúdo, que é sempre implícito [...] a forma de soberania não teria sobrevivido na modernidade, e a modernidade europeia não teria alcançado posição hegemônica em escala mundial. Como notou Arif Dirlikm o eurocentrismo se distinguiu de outros etnocentrismos [...] e alcançou proeminência global principalmente porque foi apoiado pelos poderes do capital (HARDT; NEGRI, 2001, p. 103).

Como observaram os autores, o processo de expansão do capitalismo não foi uniforme. Em várias regiões e em diferentes populações o capitalismo desenvolveu-se de forma desigual. Como exemplo, podemos citar a própria produção escravista colonial do século XVIII até o final do XIX, que ocorre dentro do desenvolvimento complexo do capital.

No livro *O mito da cidade-global*, Ferreira (2007)^v observa que o principal pressuposto das teorias contemporâneas da cidade-global é que as transformações da economia mundial, ocorridas a partir dos anos 1970, chamada de globalização, alteraram o papel e as formas de organização e estruturação das principais cidades mundiais, principalmente, daquelas destacadas no sistema econômico mundial (FERREIRA, 2007).

As teorias da cidade-global afirmam que a globalização “demanda” por novos espaços especializados. Nesse contexto, as cidades seriam o *locus* principal para oferecer tais espaços. Defende-se o argumento de que existe uma “rede” mundial de cidades capazes de estabelecer as conexões econômicas “demandadas” pelos “novos” fluxos globais.

Quais atributos, então, seriam necessários para uma cidade se enquadrar em uma cidade-global?

O tipo ideal que se construiu para definir a cidade global partiu das características comuns observadas nas metrópoles que sofreram o impacto da globalização da economia. O que foi a princípio compreendido como especificidade histórica vivida por algumas metrópoles passou a se constituir em **atributo** [grifo do autor] a partir do qual se poderia designar como “global” determinadas cidades. Seria, portanto, “global” a cidade que se configurasse como “nó” ou “ponta nodal” entre a economia nacional e o mercado mundial, congregando em seu território um grande número das principais empresas transnacionais; cujas atividades econômicas se concentrassem no setor de serviços especializados e de alta tecnologia, em detrimento das industriais(...) (LEVY,1997; VERAS,1997, MARQUES, TORRES, 1997 apud CARVALHO,2000, p. 72).

Considerando esses elementos que habilitariam uma cidade como global ou não, trazemos para o debate o discurso do isolamento, ou não, para pensarmos a cidade Cuiabá, em especial no contexto da

sua candidatura para ser uma das subsedes da Copa do Mundo do Brasil de 2014.

Para justificar essa postula e consequente escolha como uma cidade-sede, os políticos locais procuraram apresentar uma Cuiabá moderna, próspera e globalizada, em oposição ao estigma de lugar distante, atrasado e isolado, não somente do eixo Sul-Sudeste do país, mas também do mundo. Aqui se evidencia mais uma vez uma apropriação de uma das facetas do eurocentrismo, presente outrora no discurso do isolamento de Mato Grosso e Cuiabá, contemporaneamente revigorada na superação da sua condição de cidade-menor ou provinciana, sem conexões com o mundo.

As propostas, propagandas, discursos políticos procuravam a todo o momento destacar – ou melhor – vender uma cidade moderna e integrada ao mundo global. E na candidatura havia uma disputa direta com uma antiga rival – Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Cuiabá que, até a divisão, em 1977, temia a perda da sua condição de capital do antigo Mato Grosso para Campo Grande, levando a disputas políticas acirradas entre elites dirigentes do norte e do sul do Estado, encontrou no evento da escolha das sedes da Copa do

Mundo de 2014 um espaço para a reedição de antigas feridas de antes e depois da divisão do estado. Campo Grande e Cuiabá entravam em cena para a busca do “eldorado” da condição cidade-sede do maior evento esportivo em escala mundial.

Até a escolha definitiva de Cuiabá como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, em julho de 2009, houve um cenário de pelejas políticas e publicitárias envolvendo precisamente as duas cidades. O caldo da disputa traduziu-se em articulações políticas na esfera federal, campanhas publicitárias e ataques na imprensa, além de eventos de apoio às respectivas candidaturas. Tendo em vista que a escolha de uma das sedes do Centro-Oeste tinha como princípio atender o ecossistema do Pantanal – considerando os interesses do turismo – Cuiabá/Mato Grosso e Campo Grande/Mato Grosso do Sul – tinha outra causa a lutar: quem ganhasse o pleito poderia adotar, de fato, o título de cidade/Estado do Pantanal.

Para a escolha de Cuiabá/Mato Grosso, além das articulações políticas, pesou a grande biodiversidade presente no Estado – Cerrado, Pantanal e Amazônia, e a pujança econômica vivida nas últimas décadas da região, como grande produtora de grãos em escala mundial.

Além de apresentar os atrativos turísticos, econômicos e de infraestrutura da cidade para sediar os jogos, o governo se propôs a investir em obras de mobilidade urbana, na expansão de redes hoteleiras, com capitais privados e incentivos governamentais, na construção de estádio, centros de treinamentos e *fanparks* para se adequar as exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Essa “vitória cuiabana” veio embutida com inúmeros significados simbólicos a partir do discurso do isolamento e do próprio eurocentrismo. Cuiabá e Mato Grosso, dentro da lógica do mundo globalizado, se confirmariam como cidade e Estado inseridos “de forma mais visível” na rota do desenvolvimento do capital, ou melhor, na rede global. Mato Grosso não só estaria integrado ao Brasil (principal preocupação dos anos 1970), mas ao mundo, tornando-se global: o maior produtor de grãos do mundo e com a sua capital sediando uma Copa do Mundo em 2014. Seria a “vitória da modernização” no sertão, que o conceito de globalização também carrega, encurtando distâncias e diluindo fronteiras.

Diante das falas das autoridades, do *marketing* das propagandas institucionais e das repercussões na imprensa, elaboramos algumas questões: Podemos

afirmar que Cuiabá é portadora dos atributos de uma cidade-global? Em que medida ela estabelece conexões econômicas demandadas por novos fluxos globais (fluxos comerciais, de passageiros, de produtos, de dinheiro de informações, de conhecimento, etc.)? A quem interessa o discurso da cidade-global?

Possíveis respostas para essas indagações (ou seriam inquietações) carecem de pesquisas mais aprofundadas. O fato de Cuiabá ter sido uma cidade-sede da Copa do Mundo 2014 demonstrou que muitos fatores estão em jogo: econômicos, políticos, sociais e culturais. Para se saber se os megaeventos, como a Copa do Mundo 2014, trouxeram benefícios ou não para a cidade, precisamos observar o que ocorreu com as outras cidades-sedes no país, levando-se em conta as suas devidas especificidades, mas também em outros países que sediaram essa modalidade de evento.

Se globalização é um conceito ideológico, como afirmou Ferreira (2007), ela também é um mito (“o mito da cidade-global”, título do seu livro). Entretanto, não se pode esquecer de que o mito tem o seu viés explicativo e, na medida em que se convive com ele, pode ser que o mesmo diga algo sobre a realidade atual.

Assim como o mito do isolamento, abordado por Garcia (2003), serviu ao seu papel na realidade da

sociedade mato-grossense daquele período, o discurso da cidade-global tão marcadamente presente nos últimos anos evidencia novas narrativas e representações sobre a capital de Mato Grosso. Uma Cuiabá polissêmica: vivida, sentida, desejada, vendida, consumida e digerida.

O desafio para aquele que se dedica aos estudos sobre a cidade é saber decifrar seus diferentes matizes que traz no seu DNA: um presente-passado (cidade moderna e global) e um passado-presente (cidade isolada e distante) em trocas, tensões e negociações permanentes, tentando construir um futuro que não se sabe bem ao certo, uma vez que a agenda da sustentabilidade parece distante ainda dessa cidadela.

Até o começo de junho de 2014, inúmeras matérias divulgadas pela mídia nacional e internacional anunciavam a “catástrofe” que seria a Copa do Mundo no Brasil, pelos problemas de infraestrutura, nas obras de mobilidade que não foram entregues a tempo, até a previsão de “caos” nos aeroportos, passando por números reduzidos de leitos em hotéis e pousadas. Enfim, o “medo” e a dúvida tomavam conta da população que já previa a humilhação e vergonha que iria passar. A “casa” estava totalmente desarrumada e o que ia refletir lá fora não era nada bom.

Em Cuiabá não foi diferente. A cidade com obras por terminar, o veículo leve sobre trilhos (VLT) que não chegou a tempo do evento, o trânsito caótico, viadutos entregues com problemas anunciavam um verdadeiro caos. O “medo” da imagem que ia apresentar para os turistas era o sentimento que tomou conta da maioria dos cuiabanos e da população brasileira.

O desastre que se anunciava, na verdade, não aconteceu em termos de organização do evento. A Copa do Mundo no Brasil foi considerada uma das melhores da história, sendo até anunciada como “a Copa das Copas”. A mídia internacional, empolgada com a organização, divulgava em tom de elogio que a Copa no Brasil tinha dado certo. A imprensa brasileira também teve que dar o braço a torcer e seguiu empolgada com o sucesso do evento. Estava ocorrendo tudo bem, sem transtornos aéreos, sem problemas de mobilidade, os turistas sendo bem tratados e a organização sem maiores problemas.

Com a Copa descobrimos que o Brasil, apesar de tantos problemas e mesmo com as obras que não foram entregues, podia se apresentar bonito. O Brasil que queria se mostrar moderno e desenvolvido para o outro, com inúmeras obras modernas, percebeu que seu maior patrimônio era o “povo brasileiro” – seu maior capital

simbólico. Descobrimos tarde que não precisávamos esconder a “sujeira”. Que o país era o que podia ser. Que não precisava ser igual aos outros para ser melhor. E, no final, o que se viu foi uma corrida de pessoas desesperadas por ingressos de última hora para assistir os jogos nos estádios. As belezas naturais, a atenção das pessoas com os turistas, o atendimento nos bares e restaurantes e toda a organização foram o ponto alto do evento.

Em Cuiabá não foi diferente. A cidade foi invadida por turistas de todas as partes, principalmente os chilenos, que puderam desfrutar dos jogos na Arena Pantanal e dos shows no *fanpark*, com recorde de público, além dos bares e restaurantes nas noites cuiabanas. Não se teve vergonha de Cuiabá nesses dias. Pairou um orgulho dela, apesar de todos os problemas.

É verdade que não se pode esquecer a “maquiagem” que foi feita na cidade, antecedendo o evento, com gramas sendo plantadas de última hora nas proximidades do aeroporto de Várzea Grande e do asfaltamento e calçamento às pressas no seu entorno. Com todo esse processo de repaginação à brasileira, a velha Cuiabá ao poucos está desaparecendo. Parte significativa do seu patrimônio, ou o que restou dele, também foi embora com as inúmeras obras de

mobilidade na cidade. O seu passado virou memória. É verdade que população viu tudo isso acontecer sem quase protesto em defesa desses espaços. “Embasbacadas” ficaram as pessoas em nome do progresso que era “inevitável”. Era o preço que tinha de se pagar por mais esse canto sedutor de ser uma “metrópole moderna”.

Importante deixar registrado o que foi escrito por Laura Antunes Maciel, há mais de 20 anos, mas que não deixa de ser atual: “A Cuiabá de hoje é uma cidade em permanente “reforma”, remendada às pressas, com uma aparência de coisa provisória e de gosto duvidoso, como se buscasse febrilmente recuperar o tempo perdido”. Mas se nos serve de consolo, a autora também ressalta que apesar da modernização, “Cuiabá foi e continua sendo uma testemunha do passado. Ali ele impõe, traz lembranças e recordações, fala das origens e dos seus equívocos”(MACIEL, 1992, p. 15).

É verdade que dentro dessa Cuiabá da Copa tem outra Cuiabá, essa sim, à margem do acesso à educação, de atendimentos básicos de saúde, do saneamento, de transporte público de qualidade.

Se as obras realizadas na cidade vão trazer melhorias para a população não se sabe e isso deve ser fruto de novos trabalhos que, com o tempo e o

distanciamento necessários, irão poder fazer um balanço melhor dos significados do evento mundial para Cuiabá e sua população.

Em nome da modernização e do anseio pelo novo, Cuiabá se tornou sem “rosto, desmemoriada e atordoada”, como bem lembrou Maciel (1992). Cuiabá foi sendo alargada, demolida e reconstruída em nome da sua modernização. Não podia perder o bonde da Copa do Mundo. Era a chance de ouro. Havia chegado a hora. Cuiabá-global ia ser vista no mundo inteiro. O sonho chegou, mas para quem?

Devemos apontar que o evento da Copa do Mundo, as obras de reestruturação urbanística, o VLT principalmente, podem estar transformando a identidade cuiabana, deixando de ser ressentida (e quem sabe mais crítica). Agora se está afinada com a modernidade, com a mesma fragilidade e imperfeições das obras de mobilidade. Manifestações como a de julho de 2013, por exemplo, que provocaram o orçamento participativo (a primeira experiência de participação popular na política cuiabana) pode proporcionar a reestruturação da memória identitária cuiabana.

Outra tradição está sendo inventada para Cuiabá. Uma nova forma de sentir a cidade a partir da sua reestruturação urbanística. Provavelmente seus

símbolos serão retomados, seus mitos, heróis (re)inventados a partir da “perda” da sua identidade e dos seus monumentos – agora mais do que nunca. A questão, talvez, não seja mais ser ou não capital, mas pensar como será possível viver nessa cidade que se quer moderna.

No presente estudo procuramos demonstrar que a luta de Cuiabá durante a sua história para se manter como capital e a divisão do Estado constituíram marca indelével na história da cidade, mesmo que inconscientemente. Percebemos que Cuiabá enfrentou e ainda enfrenta sérios problemas para definir sua identidade (BORGES, 2005).^{vi} Uma hora ela é isolada, outra hora é centro (“centro geodésico” da América do sul). Mesmo que essas questões estejam ligadas a um discurso sobre a cidade, parece que Cuiabá vive eternamente numa indefinição de quem ela é no mundo, a questão de saber onde se está.

É uma cidade que vive em contradição com a sua identidade em busca de uma eterna modernização. Defendemos, portanto, que essa característica de Cuiabá, que se reflete na cidade “remendada” e “feita as pressas” tem a ver com a constituição da sua própria história, marcada pela luta para se manter enquanto

capital e pelas lutas separatistas, chegando até a divisão do Estado, em 1977.

Isso faz lembrar o diálogo do viajante Marco Polo que, ao ser perguntado pelo conquistador Mongol Kublai Khan:

- Você que explora em profundidade e é capaz de interpretar os símbolos, saberia me dizer em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios?

- Por esses portos eu não saberia traçar a rota nos mapas nem fixar a data da atracação. Às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império; é

possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse (CALVINO, 1990, p.149).

Estudar Cuiabá no contexto do pós-divisão significa entender como uma região fadada ao “fracasso”, segundo falas da época, com o desmembramento do Estado, conseguiu reverter – com todos os contrastes, dilemas e crises – a situação favoravelmente para si, seja com o seu crescimento econômico e populacional, seja com a sua presença como cidade referência para a região Centro-Oeste, ou ainda capacidade política de capitanear a sua candidatura e escolha como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, o que lhe agregou o título de “Capital do Pantanal”(VILARINHO NETO, 2008, 2002).

Enfrentar, por exemplo, a mitologia bandeirante não significa ignorá-la ou menosprezar sua força e persistência, mas entender que a cidade da história é permeada por sujeitos, escolhas, interesses e principalmente pelas permanências e transformações do tempo. No caso de Cuiabá e Mato Grosso, fazer esse exercício é se propor constantemente duvidar da obsessão das origens e dos mitos fundacionais que soterram ou relegam ao esquecimento as diferentes maneiras de ser, sentir, saber e interpretar o mundo.

Afinal, nunca se pode subestimar o medo das crianças aos fantasmas no armário e debaixo da cama, especialmente quando se trata dos nossos filhos.

E como não poderia deixar de ser, esse ensaio é um gesto sensível e imperfeito de demonstração de amor crítica a Cuiabá, aqui historicizada, pensada e interpretada.

REFERÊNCIAS

AMEDI, N. C. A cidade (res)significada: a ideologia de modernização de Cuiabá no período pós-divisão do estado de Mato Grosso. **Revista Angelus Novus**, São Paulo, v. 1, p. 41-64, 2013.

BARBOSA, M. S. Eurocentrismo, História e História da África. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v. 1, p. 46-62, jun. 2008.

BARROS, J. M. **Cuiabá de hoje**. Cuiabá: IHMT, 1984.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, F. T. M. **Do extrativismo à pecuária**. São Paulo: Scortecci, 2001.

_____. **Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá**. São Paulo: Scortecci, 2005.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, J. S. W. **O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano**. Petrópolis; São Paulo; Salvador: Vozes; EdUNESP; Anpur, 2007.

CARVALHO, M. de. A cidade global: anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo em Perspectivas**, São Paulo, v. 14, n. 4, out./dez. 2000.

GALETTI, L. S. G. **Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá: Ed. UFMT; Entrelinhas, 2012.

GARCIA, R. C. **Mato Grosso (1800-1840): crise e estagnação do projeto colonial**. 2003. 348 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MACIEL, L. A. **A capital de Mato Grosso**. 1992. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

PÓVOAS, L. C. **Cuiabanidade**. Cuiabá, 1987.

_____. **Mato Grosso um convite à fortuna**. Rio de Janeiro: Guaira, 1977.

VILARINHO NETO, C. S. Cuiabá, uma metrópole regional.
In: ROMANCINI, S. R. (Org.). **Novas territorialidades urbanas em Cuiabá**. Cuiabá: EdUFMT, 2008, p. 15-40.
_____. **Metropolização regional, formação e consolidação da rede urbana do Estado de Mato Grosso**. 2002. 140 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VOLPATO, L. R. R. **A conquista da terra no universo da pobreza**: a formação da fronteira oeste do Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1987.

Recebido em: 18/05/2016

Aprovado em: 19/05/2016

Publicado em: 30/07/2016

NOTAS

ⁱ José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. Ficou conhecido pelo conjunto educativo de seus livros infantis, que constitui metade de sua obra. A outra metade é formada por contos (sobre temas nacionais), artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas. Sua criação mais conhecida foi a obra *O sítio do Picapau Amarelo*, que faz parte de uma longa série.

ⁱⁱ Neste trabalho, vinculado à História Econômica, o autor afirma que o isolamento é um mito. Ele pretende demonstrar que algumas hipóteses ou ideias sobre a economia colonial mato-grossense tiveram grande aceitação a ponto de se transformarem em mitos, como é a tese do isolamento e também a tese do não isolamento.

ⁱⁱⁱ Luís Phillipe Pereira Leite (1916-1999) foi advogado, político, cartorário, historiador, escritor. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1940. Foi Oficial de Gabinete da Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso (1941-1946), Membro do Conselho Administrativo do mesmo Estado (1946-1947), elegendando-se deputado estadual em 1947, exercendo também, concomitantemente, a função de Procurador Geral da Justiça e Procurador Regional Eleitoral (1947-1951). Pereira Leite foi membro da AML, do IHMT e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. C

^{iv} O que os autores chamaram de Império seria um processo que estaria ocorrendo na esteira do processo de globalização onde a soberania do Estado-nação, apesar de eficaz, teria diminuído seu poder na regulação de produção e troca – dinheiro, tecnologia, pessoas, bens. Essas relações têm passado acima das fronteiras nacionais. Como explicitaram os autores: “Em contraste com o Imperialismo [extensão da soberania dos Estados-nação europeus além de suas fronteiras], o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de *descentralização* e *desterritorialização* do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras (...)” (Prefácio, p. 13). (HARDT, M.; NEGRI, A., 2001, p. 88).

^v O autor – nessa pesquisa – faz uma abordagem crítica do paradigma da globalização ao entendê-lo como um termo cunhado para “*manipular o imaginário social*, associando-o a um processo de hegemonização da ideologia liberal, a ideia de “modernização” e “integração da economia global” com o objetivo de obscurecer um ajuste na crise da estrutura da economia-mundo-capitalista”. Para o autor globalização é um conceito ideológico.

^{vi} Nesse ponto concorda-se com Marcos Prado de Albuquerque que afirmou que o que teria marcado a história de Cuiabá e de

A CIDADE IN(CONCLUSA): CUIABÁ, A COPA DO MUNDO DE 2014 E A ETERNA ESPERA PELA MODERNIZAÇÃO,
DE NATHÁLIA DA COSTA AMEDI

Mato Grosso seria ser a história de um *gigolô da natureza* [fornecedor de mercadoria do setor primário; economia exógena], pois a cidade era sempre colocada tanto como centro, quanto isolada, mesmo sabendo que um centro pelo próprio

entendimento do termo nunca se isola. Albuquerque levantou esse aspecto contraditório da identidade cuiabana e até mesmo a sua falta de identidade.